

ESTRATÉGIAS DE LEITURA DA CRÔNICA: ANÁLISE DE ORALIDADE E ESCRITA

Lucia Maria de Assis (UFF)
lucia.a@puvr.uff.br

RESUMO

A crônica, ao ser tomada como objeto de estudo em sala de aula, pode aproximar literatura e realidade, uma vez que oportuniza o contato com temáticas que são capazes de desenvolver o diálogo e o senso crítico, favorecendo um processo formativo amplo. A partir de leituras de crônicas variadas, os alunos reconhecerão os traços constitutivos que regem o gênero e poderão partir para uma oficina prática de escrita, através da qual documentarão seus próprios olhares perante a vida. Tendo isso em vista, e procurando suavizar a inserção desses jovens no universo da leitura escolar, formativa, podemos levá-los a observar que nossos mundos particulares estão presentes no texto literário e vice-versa, gerando um sentimento de cumplicidade. É dessa aproximação que surge a crônica. Ela é “ligeira”, subjetiva e construída sobre os alicerces de uma linguagem simples, cotidiana; em suma, é um gênero decididamente didático e passível de escolarização. É nesse sentido que este trabalho tem como tema a observação das características da língua falada presentes na crônica, gênero discursivo escrito, no qual ocorrências cotidianas são abordadas com o máximo de realismo e simplicidade. Tem-se como objetivo, portanto, demonstrar que uma estratégia eficiente de leitura da crônica deve considerar a existência de características de fala e escrita, empregadas intencionalmente para melhor construir o efeito de sentido. Os procedimentos metodológicos utilizados para atingir esse objetivo envolvem uma comparação entre fala e escrita, e a conceituação do gênero discursivo crônica. De posse dessas noções teóricas, observam-se como as características dessas modalidades da língua são recorrentes na crônica e como isso colabora para a construção do sentido desse gênero. Por meio dessa análise, demonstra-se que a existência do hibridismo fala/escrita é uma característica que particulariza o gênero discursivo-literário crônica.

Palavras-chave: Leitura. Crônica. Oralidade. Escrita. Gênero discursivo.

1. Crônica – um gênero discursivo secundário

Sem abordar a problemática dos gêneros discursivos não seria possível falar no gênero crônica, Portanto, lança-se mão de análises sobre

o assunto realizadas por Bakhtin (1997), Marcuschi (2001 e 2002) e Rojo (2001).

A princípio nota-se uma diferença terminológica, pois, ao se referir aos gêneros, Bakhtin fala nos discursivos e Marcuschi nos textuais. Apesar da tênue diferença existente entre texto e discurso, sendo aquele, materialização deste, a abordagem dos referidos autores direciona-se para o mesmo enfoque. Marcuschi (2002), de certa forma, justifica a nomenclatura ao afirmar ser impossível estudar um sem o outro. Para tal justificativa, diz que “os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997, *apud* MARCUSCHI, 2002).

A convergência das abordagens de Bakhtin e Marcuschi comprova-se, também, ao se analisar o que cada um diz a respeito de gêneros. Para Bakhtin (1997, p. 270): “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros discursivos”.

E para Marcuschi (2002, p. 219):

(...) os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (...) surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas.

Embora de maneira diferente, os dois estudiosos entendem que os gêneros (textuais ou discursivos) existem em função da necessidade humana de comunicação e se ampliam e modificam de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade e as diferentes necessidades comunicativas. Assim, é correto afirmar que alguns gêneros cristalizam-se formalmente em determinadas necessidades e intenções, como a réplica do diálogo cotidiano, a conversação telefônica, as produções científicas, a crônica, as notícias de jornal, os classificados, entre outros.

Como a sociedade vai-se modificando diuturnamente, inclusive com força da revolução tecnológica, os gêneros vão sendo ampliados na instauração de novas relações com os usos da linguagem. De acordo com Marcuschi (2002, p. 21).

Em certo sentido, possibilitam a redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como por exemplo a relação entre oralidade e escrita, desfazendo ainda mais as suas fronteiras. (...) criam formas

comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua.

Marcuschi fala ainda da crescente utilização de formatos de gêneros prévios com objetivos novos. Em relação a isso, observa-se a crônica, gênero discursivo que, a princípio, era relato de acontecimento histórico ou sobre a corte, escrito a pedido do Rei ou Imperador e, atualmente, consolidou-se como gênero voltado para o cotidiano, relatando-lhe o que, aparentemente, é menos expressivo com a intenção de lhe atribuir maior dignidade, divertindo o leitor e, ao mesmo tempo, fazendo-lhe questionamentos sobre a natureza humana.

Como os gêneros transmutam e abarcam tudo o que é utilizado para a comunicação, torna-se tarefa extremamente complicada estabelecer-lhes uma categorização. Sendo assim, para Bakhtin (*op. cit.*) importa considerar a diferença essencial que os coloca em duas categorias básicas: a dos gêneros primários e a dos secundários. Os primários são simples e se constituem em circunstância de comunicação verbal espontânea; os secundários são aqueles que, tomando como os primeiros, transmudam-nos e aparecem em situações de comunicação cultural mais complexa e mais evoluída, principalmente na forma escrita.

Rojó (2001, p. 55), sobre tal categorização, diz que os gêneros primários:

são próprios da comunicação cotidiana a privada, sendo mais arcaicos, surgindo em situações de produção mais simples e mais próximas da palavra falada. Seriam o material discursivo básico sobre o qual se reelaborariam ou segundos, próprios das esferas sociais públicas de circulação dos discursos, que implicam situações de produção mais complexas, muitas vezes ligadas à escrita.

Marcuschi (2001), ao falar de gêneros textuais, no trabalho publicado na obra *Investigando a relação oral/escrito*, também se refere à dificuldade de categorização de todos os gêneros textuais existentes e, por isso, estabelece-lhes três amplos conjuntos: os tipicamente orais, os tipicamente escritos e os produzidos na interface oral/escrito. Pode-se dizer que esses conjuntos encaixam-se na denominação bakhtiniana, sendo os falado e escrito primários ou secundários de acordo com sua complexidade. Porém aqueles produzidos na interface oral/escrito são gêneros secundários, uma vez que, preponderantemente se apossam de gêneros primários para se construírem.

Sendo assim, é correto dizer que a crônica é um gênero secundário, posto que em sua elaboração são reempregados recursos do gênero

primitivo. Tal afirmação confirma-se nas palavras de Bakhtin (*op. cit.*, p. 325).

Em sua grande maioria, os gêneros literários são gêneros secundários, complexos, que são compostos de diversos gêneros primários transformados (réplicas do diálogo, narrativas de costumes, cartas, diários íntimos, documentos). Esses gêneros secundários, que pertencem à comunicação cultural complexa, simulam em princípio as várias formas da comunicação verbal primária. É precisamente isso que gera todas essas personagens literárias convencionais de autores, de narradores, de locutores e de destinatários.

A partir dessa noção de gênero discursivo e de que a crônica se encaixa num gênero secundário, aborda-se, a seguir, uma pormenorização de suas características, a fim de melhor identificá-la e particularizá-la.

2. *Surgimento e consolidação no Brasil*

O gênero discursivo/literário crônica, segundo Neves (1992, p. 76), tem seu objeto “no cotidiano construído pelo cronista através da seleção que o leva a registrar alguns aspectos e eventos e abandonar outros”. Assim, é comum se dizer que se trata de um gênero híbrido que oscila entre a literatura e o jornalismo, resultado da visão pessoal, subjetiva do cronista ante um fato qualquer.

Existente desde a Idade Média, esse gênero passou por inúmeras modificações, deixando, primeiramente, de ser registro da História, depois de ser essencialmente jornalístico e “folhetinesco”, para atualmente figurar também em livros e coletâneas. Mesmo assim, não se desvinculou do sentido etimológico da palavra grega da qual deriva: *khronos*, que significa tempo. Assim, Bender e Laurito (1993) e também Martins (1980) afirmam que tal gênero encarrega-se da descrição de acontecimentos em ordem cronológica ou conforme a ordem dos tempos.

A principal mudança no gênero vem do fato de que, em seu sentido primário, a crônica significava “registro do passado e dos fatos na ordem em que se sucederam” (*idem*, p. 3) e, atualmente, seu enfoque é voltado para os fatos do dia-a-dia. Assim, tanto como registro do passado ou flagrantemente do presente, esse gênero trata de um resgate do tempo.

Para realizar esse resgate de forma que não canse o leitor, na crônica procura-se esconder a complexidade pressentida sob uma límpida naturalidade, por meio do disfarce numa suposta conversa sem rumo. Arigucci (1999, p. 6) explica que isso é feito com

vocabulário escolhido a dedo para o lugar exato, uma frase em geral curta, com preferência pela coordenação, sem temer, porém, curvas e enlaces dos períodos mais longos e complicados; uma sintaxe, enfim, mais leve e flexível, que toma liberdades e cadências da língua coloquial, propiciando um ritmo de uma sultura sem par na literatura brasileira contemporânea.

Nesse gênero, o autor dirige-se diretamente ao leitor, explicando-lhe seu ponto de vista. Para Martins (*op. cit.*, p. 3), trata-se de um trabalho de natureza ensaística, pois “parece residir na relação com a palavra falada e com a elocução oral”, possuindo um “estilo que se aproxima da marcha do pensamento no momento mesmo em que se produz, sem artifícios intermediários para a expressão do que está na alma.

Os referidos críticos literários acreditam que a crônica tenha se firmado na transição para o Renascimento, quando, em 1434, Fernão Lopes foi nomeado cronista-mor e se tornou escritor profissional (cronista) do Reino, utilizando como matéria-prima os fatos históricos e a interpretação deles. Nessa época, o gênero significava uma narrativa vinculada ao registro formal de acontecimentos históricos.

Sá (2000) bem como Bender e Laurito (*op. cit.*) destacam que a primeira crônica brasileira foi escrita por Pero Vaz de Caminha na Nova do Achamento, na qual foi recriado com engenho e arte tudo o que se viu no contato direto com os índios e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a primitiva. Caminha escrevera depois de um primeiro contato com o local e com as pessoas que ali viviam, registrando certa concretude, impedindo que o circunstancial caísse no esquecimento. Tratava-se, então, da marca de registro do circunstancial feito por um narrador-repórter que relatava um fato a leitores que formavam um público determinado: soma de jornalismo e literatura.

A esse respeito, afirma Martins (*op. cit.*) que, em seu sentido literário, o primeiro cronista brasileiro foi Francisco Otaviano, em 1852, quando escrevia no *Jornal do Comércio*. Em seguida, e com elevada importância, pode-se falar de José de Alencar e Manuel Antonio de Almeida, cronistas do *Correio Mercantil*, sob o título de “Páginas Menores”. A partir daí, outros cronistas foram surgindo e, em 1922, a Semana de Arte Moderna possibilitou à crônica uma feição característica diante das necessidades da vida contemporânea na sua agitação e no seu movimento.

Para Candido (1992), porém, esse gênero consolidou-se no Brasil no decênio de 1930, época em que foi cultivado por inúmeros escritores e jornalistas, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga (cronista por excelência) e, mais tarde,

nos anos 50, por Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. Foi com esses escritores, além de Raquel de Queirós, que a crônica definitivamente deixou de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada.

Mesmo nessa época, a crônica ainda era vista como um misto de jornalismo e literatura uma vez que, a princípio, aparecia num jornal e possuía, como leitores, a classe que dava preferência àquele jornal, o que limitava o texto, uma vez que “a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação” (SÁ, *op. cit.*, p. 8); só mais tarde ela integraria uma coletânea, que seria organizada, em geral, pelo próprio cronista.

Antes de ser cronista, então, esse gênero foi folhetim e buscava refletir questões políticas, sociais, artísticas e literárias. Para que fosse um texto mais atraente, o cronista (folhetinista) dava voz a um narrador de tradição oral, que parecia acompanhar o curso natural das coisas. Assim como fazia Rubem Braga, para quem o grande mistério era a simplicidade e a arte de dar um sentimento solene às palavras do dia a dia.

Com o tempo, a crônica (folhetim) foi ganhando um ar de quem estava escrevendo à toa, sem dar muita importância; abandonando o objetivo de informar e comentar, ficando com o de divertir, através de uma linguagem mais leve, mais descompromissada, afastando-se, mais e mais, da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar na poesia.

Nela há a liberdade do cronista, que transmite uma aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, como se fosse por acaso. Assim, é o autor o próprio narrador da crônica e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se fosse uma reportagem. O limiar entre o jornalístico e o literário é tão presente assim como a semelhança com o conto. Sobre isso, Martins (1980, p. 10) diz que

Muitas vezes a crônica se chega tão próximo do acontecimento que redundando em simples reportagem, perdendo sua identidade. Outras mantêm suas características, chegando-se ao conto sem nele se transformar, literatizando o acontecimento. Esse meio termo entre o acontecimento e o lirismo parece ser a postura ideal do cronista para a elaboração de sua crônica.

Observa-se, também, que a aparência de simplicidade da crônica deve-se ao seu surgimento no jornal, com sua precariedade, tendo a efemeridade de nascer no começo de uma leitura e morrer até o final do dia.

É por meio dessa aparência que o cronista proporciona ao leitor uma visão abrangente, que vai além do fato, mostrando sinais de vida que diariamente deixamos escapar, o que é feito com doses de humor, sensibilidade, ironia, crítica, poesia, graça e leveza.

Como diz Candido (1992, p. 16), “a linguagem ‘simplória’ faz com que haja maior proximidade entre as normas da língua escrita e da língua falada, pois o cronista elabora seu texto à semelhança de um diálogo entre ele e o leitor”. Sendo assim, na crônica, como na língua falada, não cabe a “sintaxe rebuscada, com inversões frequentes, com o vocabulário ‘opulento’”, por isso ela “opera milagres de simplificação e naturalidade”, demonstrando a busca da oralidade na escrita, isto é, de quebra de artifício e de aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo.

No dizer de Sá (*op. cit.*, p. 11), tal dialogismo equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema, assim como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões.

A crônica relata, então, uma circunstância, um pequeno acontecimento do dia a dia, transformando-o em um diálogo sobre a condição humana; isso porque o cronista, com seu toque de lirismo reflexivo, capta o instante brevíssimo e lhe confere a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos. Sobre isso, leia-se Arrigucci (1999, p. 15):

o cotidiano surge (...) como o lugar da mistura artisticamente fecunda, pois virá uma espécie de modelo de vida real para o escritor: é onde o mais alto aparece mesclado ao mais baixo; o puro ao impuro; o poético agarrado ao erótico; a cidade atravessada pelo campo; o passado pelo presente (...).

Com isso o cronista busca e julga a comunicação humana e a solidariedade social, fazendo com que o leitor redescubra a dignidade de objetos, como trabalho, dor, prazer, alegria, que se misturam a emoções esquecidas. Essa comunhão de objetos antagônicos revela certa preocupação ética e sugere a necessidade de harmonia do indivíduo com o universo e com o seu tempo. Parece, então, correto dizer que a crônica, a princípio, se trata de um gênero secundário, passageiro, circunstancial, mas que se tornou muito receptivo e disponível para perceber as coisas miúdas com as quais o ser humano tende a identificar-se, o que a levou à eternidade dos livros, não só à efemeridade da página diária de um jornal.

Sua receptividade e eternidade devem-se, também, ao fato de que, através da aparência de simplicidade, do diálogo entre autor-leitor, os

cronistas fazem com que o leitor reencontre o prazer da leitura, aprendendo a ler na história inventada a sua própria história.

Essa eternidade parece contraditória, uma vez que a crônica nasce ao amanhecer (com o jornal) e morre no fim do dia. Observa-se, porém, que isso se deve à necessária mudança de atitude do consumidor (leitor), pois quando a crônica é transportada do jornal para o livro, as possibilidades de leitura tornam-se mais amplas e o texto passa a explorar mais sua riqueza, permitindo ao leitor novas vias interpretativas. Nesse contexto, o diálogo autor-leitor intensifica-se, fazendo com que eles se tornem cúmplices no ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura.

Assim, confirma-se o que diz Candido (*op. cit.*, p. 13):

por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural.

Diante do exposto, pode-se dizer que tal gênero discursivo, considerado secundário por utilizar características de fala e de escrita, efetivamente trabalha com o cotidiano, com a linguagem simples, com a proximidade do leitor. É exatamente isso o que dá à crônica essa magia, esse encantamento.

3. *Oralidade e escrita na crônica*

Características mais peculiares à modalidade falada da língua estão sempre muito presentes na crônica. Nesse gênero encontramos, com facilidade, estruturação tópica, marcadores conversacionais, procedimentos de formulação e reformulação, como paráfrase, correção e hesitação, bem como o estabelecimento de pares adjacentes. Essas observações confirmam a semelhança entre a crônica (gênero escrito) e a conversa oral dialogada.

Outro fator recorrente nesse gênero é o estabelecimento de turnos. Como a fala, a crônica é um texto essencialmente dialógico e, por isso, mesmo naquela em que o diálogo não está explicitamente marcado pela presença efetiva de duas personagens alternando os papéis falante/ouvinte, nota-se a existência implícita de um diálogo. Algumas vezes isso ocorre com um interlocutor específico, outras com toda a humanidade, uma vez que é também característica da crônica transformar algo corri-

queiro em condição para o questionamento da importância da existência, das relações e das atitudes dos homens.

Na crônica *Recado ao senhor 903*, de Rubem Braga, tais considerações ficam muito claras, pois, na primeira parte, a personagem (locutor) procura dialogar com seu vizinho sobre um assunto que somente diz respeito a eles. Trata-se de uma resposta a uma reclamação feita pelo vizinho. Esse vizinho, no entanto, não se materializa no texto: não diz nada, nada faz. Embora ele não apareça, há marcas de uma suposta troca de turnos, de um diálogo tão bem construído neste gênero.

Vizinho

Quem fala aqui é o senhor do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento.

Já na segunda parte, o mesmo locutor estabelece uma nova dimensão para o fato, como que convocando todas as pessoas a refletirem sobre suas vidas. É um fato simples, corriqueiro, atravessando as barreiras do edifício de concreto e repercutindo na humanidade, ou seja, trata-se de um diálogo, com o leitor, sobre a existência humana.

Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos.

Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: “vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou”.

Por outro lado, nesse gênero, é também na produção dos turnos que se pode observar a ausência de um fator recorrente na conversação oral dialogada: o assalto ao turno. Como a crônica apresenta-se sob a forma escrita, não há como configurar a concomitância das falas por assalto ao turno ou por lugares relevantes de transição. Nela, o que pode ocorrer é o autor utilizar-se de um narrador que explica que os interlocutores falam ao mesmo tempo. A inexistência desse assalto é, então, uma das características que evidenciam que não se pode dizer que a crônica apresente simplesmente características de um texto falado.

Como procedimento de formulação e reformulação, são encontradas nas crônicas muitas hesitações, uma característica bem própria da fala. Entretanto, essas ocorrências são sempre de hesitações linguísticas (na fala, nem sempre é assim), ou seja, aquelas que ocorrem com o preenchimento da pausa com a repetição de uma palavra ou de parte dela. Se

não fossem desse tipo, as hesitações não poderiam ser demonstradas nesse gênero e, por conseguinte, não haveria como evidenciar o processo de elaboração do pensamento realizado pelo locutor (personagem). É também por isso que o silêncio das personagens – que, no discurso oral dialogado, configura uma pausa para elaboração textual –, é marcado pela presença da palavra “silêncio” ou por sinais de pontuação, como as reticências. Como se observa na crônica *Sementinhas*, de Luís Fernando Veríssimo, em que os alunos dialogam com a professora sobre o nascimento de uma plantinha e de uma pessoa.

Mas professora...

Foi o papai, certo.

Vejo que essa parte vocês já sabem.

E como é que o papai põe a sementinha na barriga da mamãe? Alguém sabe?

Silêncio.

Professora...

O quê, Mauricio?

Já as atividades de correção (muito presentes na fala) são pouco encontradas nas crônicas. Quando ocorrem, são marcadas por uma formalidade na linguagem que se distancia de um texto falado durante uma interação coloquial, como se observa no trecho da crônica *O homem que queria eliminar a memória*, de Ignácio de Loyola Brandão:

Há certas coisas que o senhor está impedido de fazer.

Ou melhor: eu é que estou impedido de fazer no senhor.

A intervenção do narrador também é um recurso da escrita empregado nas crônicas. Ela é inserida, no texto com a intenção de descrever aquilo que não seria retomado pelo leitor apenas com as falas dos personagens. É comum a utilização desse recurso para demonstrar o contexto em que os diálogos ocorrem, as expressões faciais e os pensamentos das personagens, como se observa na crônica *Cornita*, de Luis Fernando Veríssimo:

O pai pensou um pouco. Não podia dizer que não sabia. O garoto há muito descobrira que o pai não era o homem mais forte do mundo. Precisava mostrar que, pelo menos, não era dos mais burros. Perguntou como é que a palavra estava usada.

Diante dessas características, pode-se afirmar que a crônica é um gênero secundário, pois seu formato é obtido por meio de um hibridismo. Sendo assim, facilmente encontram-se nela características de um produto de atividade apenas relativamente passível de planejamento – a fala –, aliadas às de um outro completamente planejável – a escrita.

4. Conclusão

Diante das características apresentadas sobre a crônica, podemos observar que, antes de se tornar público, esse gênero passa por uma revisão e uma correção textual, momentos em que se eliminam impropriedades consequentes da rapidez do fluxo do pensamento, restando-lhe apenas aquilo que o cronista criou intencionalmente em busca de dar a seu texto as aparentes simplicidade e superficialidade peculiares do gênero.

Um trabalho em sala de aula que ressalte essas características da crônica poderá apontar para a importância do domínio das características do texto falado e as do texto escrito, assim como a possibilidade de integração delas na produção textual. Com esse domínio, o aluno poderá, conscientemente, ativar conhecimentos prévios que facilitarão tanto a tarefa de interpretação textual quanto a de elaboração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI, D. Jr. Braga de novo por aqui. In: _____. *Os melhores Contos de Rubem Braga*. 10. ed. São Paulo: Global, 1999.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes: 1997.

CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, A. (Org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros discursivos*. São Paulo: Atual, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MARTINS, S. J. A. *A crônica brasileira*. São Paulo: Unesp, 1980. Revista Stylos, n. 1.

NEVES, M. S. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. CANDIDO, A. (Org.). *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992.

ROJO, Roxane. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, I. *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

SÁ, J. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.